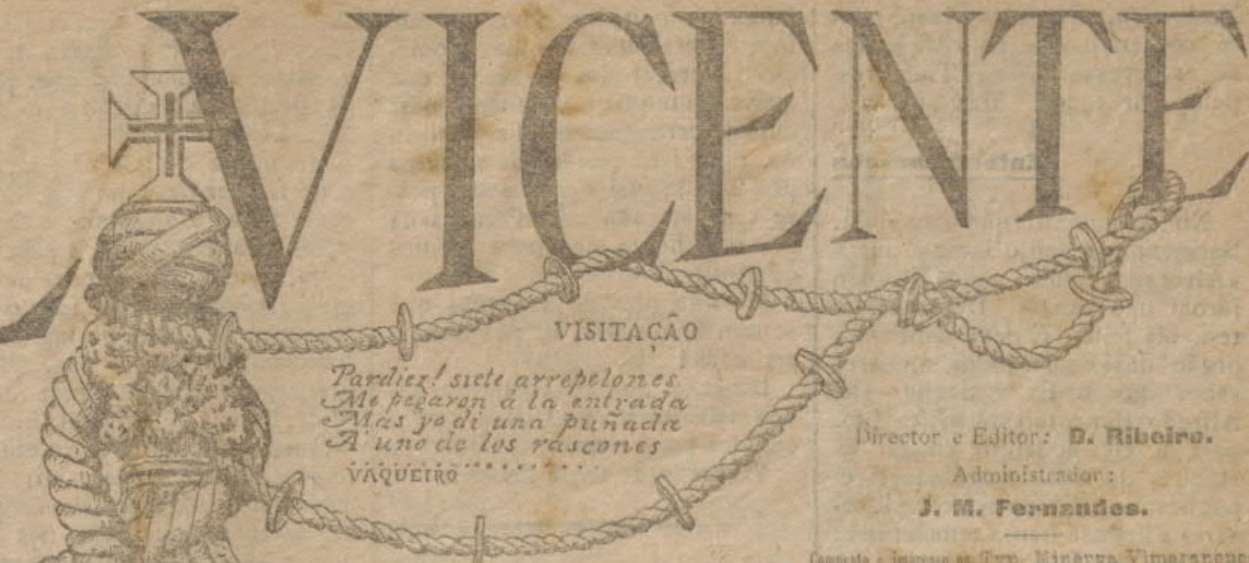




GIL VICENTE

Semanario Monarchico e Regionalista
(Litterario e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente"
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITACÃO
*Pardiez! siete arropelones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones*
VAQUETRO

Director e Editor: D. Ribeiro.
Administrador:
J. M. Fernandes.

Compuesto e Impreso en Typ. Minerva Vimaranesca

COISAS MACABRAS

Em poucos dias varios successos sensationais se teem dado n'este paiz, d'antes tão tranquillo e tão pacato, e tão avesso a coisas extravagantes.

O turbilhão do progresso arrasta-nos e faz esvoaçar ao de cima das coisas pesadas-futilidades irrisorias.

Morreu o coronel Baptista d'uma burguezia congestão cerebral, coisa que pôde acontecer a quem quer, como do proprio facto se pôde facilmente concluir; não pensam assim os grandes patriotas da ré publica e inscrevem o facto na lista dos grandes successos politicos.

Porquê? Porque á data elle exercia as funções de *chefe do governo*, como se usa dizer em gíria jacobina. Filiam os citados patriotas o infausto successo em uma carta azeda, que um vulgar assassino lhe dirigiu por intermedio dos jornaes e em que, segundo corre, lhe dirigia amargos censuras a que, no entanto, a baixa cotação do signatario tirava a auctoridade. Como quer que seja, foi isto um feliz pretexto para divinarem o falecido e guindarem-no á cathedra de Martyr, não só da ré publica como da Patria. E d'ahi, vá de fazer-se-lhe pomposo enterro que d'uma vez pata sempre apague a memoria da apothese feita a Sidonio Paes; d'ahi uma pensão de 3:600:000 á viuva; d'ahi o pretexto para os grandes homens da ré publica se exhibirem em publico, dando-nos a medida dos seus talentos oratorios... e não oratorios.

O Snr. Domingos, notavel estadista de fresca data, sahio-se com esta:

«Sou testemunha do que foi o coronel Antonio Maria Baptista como republicano, como patriota e como ministro. Ele sentia-se doente e sabia que muito breve o esperava a morte, mas o seu temperamento não lhe permitia vacillar.»

«E' preciso que nos unamos diante deste caixão, pondo de parte mesquinhos interesses, para só servir a Republica.»

Hein! é preciso pôr de parte mesquinhos interesses, no numero dos quaes provavelmente entram os que mais directamente se prendem com os destinos da Patria, para só servir a ré publica!!

Podem contar conosco. Fallou depois outro luminar, que até por signal é estrella, o presidente da Camara Municipal de Lisboa, que affiançou que o defuncto era *um homem em toda a extensão da palavra*, o que foi bom saber-se, pois que o seu sobrenome poderia dar lugar a duvidas.

Fallam mais outros grandes homens e chega a vez a um cidadão que principiou a sua carreira militar por jurar defender a Patria e o Rei (de quem por signal alguém da sua familia recebia uma pensão) e que no regimen antigo exercia uma função da maxima confiança, que muito consciente e conscienciosamente

ia trahindo, o grande patriota Xavier Barreto, que disse que o partido perdia com elle um dos seus melhores elementos.

E' pena; no entanto sirva-nos de consolação a ideia de que enquanto o snr. Corrêa Barreto fôr vivo pôde o regimen dormir descansado.

Fala por fim o snr. Ramos Preto que diz... mas o melhor é transcrever o seu discurso:

«Meu querido e saudoso presidente. Antes de te sumires na escuridão incerta do tumulo, venho saudar-te. Ontem, no parlamento, já te choramos bastante. «Sincera e honradamente procuraste debelar a anarquia em que nos debatemos. Nós, que viviamos do teu prestigio, vimos aqui prestar a ultima homenagem ao presidente e ao amigo. Sinceros laços de amizade nos uniam e foi a amizade a melhor força do teu governo. Um dia perguntaram-te se eram ligações politicas as que uniam os membros do teu governo e tu respondeste: São ligações de amizade. A tua memoria não será esquecida. Adeus.»

Escuridão incerta! Escuridão incerta do tumulo!

Que feliz achado! Escuridão incerta do tumulo!

Se não fosse este maravilhoso ministro, rival em dimensões do grande Pina Lopes, haviamos de morrer na convicção inabalavel de que o tumulo era a cova escura e pavorosa, onde jamais entraria a esperança e a luz; mas as palavras do snr. Ministro vieram fazer-nos reflectir que, se as minhocas e as toupeiras cavam as suas subterraneas gallerias sem que ninguem lhes alumie, é porque a escuridão não é tão escura como a gente pensava. Quanto pôde o genio!

Mas não tem só genio este illustre ministro, tem também coração, muitissimo coração mesmo, como se verifica pelo facto de, depois de muito o ter chorado de vespera, de sociedade com os seus collegas da camara, ainda vir ali no dia seguinte chorar mais um bocadinho.

E na verdade tem o snr. Preto muitissima razão visto como não foi por uma questão politica que se uniram os membros dos varios componentes do governo: foi por uma questão de affecto! *ligações de amizade*, disse o saudoso extinto, pelo que, no dizer do snr. Preto, a sua memoria não será esquecida... mesmo porque *uma boa memoria é uma garantia contra os esquecimentos.*

Ligações de amizade, como unico traço de união entre os membros do governo! Já é bonito; no entanto, no tempo da D. Leonarda Coimbra, o affecto foi mais alem.

Tremendo estadista e grande amigo! Também só assim se justifica que, logo ali á preta, o outro enorme estadista que em Paris vae socegado digerindo o bolo que cá amassou com o sangue dos desgraçados que empurrou para a guerra, de lá lhe mandasse um sucolento telegramma a dar-lhe os pezames pelo saudoso extinto a quem passa attestado de bom comportamento ré publicano.

O jornalista não escreve só para gente intelligente: todos quantos sabem ligar as syllabas estão habilitados a ler, e entre estes, não poucos interpretarão mal o que leem. A estes esclarecerei, se por acaso no que acaba de se lêr vislumbra falta de respeito pelos mortos, que redondamente se enganam.

Em antagonismo absoluto com o Coronel Baptista, por indole, por educação, por criterio, por hábitos, por gostos, por tudo quanto um abysmo cavado entre dois homens os pode separar, não haveria faciosismo de nenhuma especie, mórmente politico, que me fizesse negar ao Snr. Coronel Baptista o meu applauso pelos serviços que em horas amargas prestou á Nação. Nem os sentimentos christãos que, por mercê de Deus, tenho arraigados bem fundo no coração, me permitiriam escarnecer um morto, principalmente sendo elle um adversario.

Mas uma coisa é o respeito pelos mortos, e outra é a expiação que á sua custa se faz, e é isso que, nas linhas acima traçadas, nos move á Zombaria, forma bem portugueza de expressar o cansaço da indignação.

Outro macabro facto que no transcurso da semana se deu, foi a piedosa romagem da supposta Duqueza de Oporto aos logares em que a infancia e a juventude de seu chorado marido decorreu, e onde existem... as propriedades da Casa de Bragança.

Veio a supposta titular á consignação dos dirigentes da ré publica do Terreiro do Paço, que desde o Caes a acompanharam na sua *peligrinação* pela mansão dos mortos e mais dos vivos, entre os quaes parece, se deu muito bem e tanto que logo o appetite lhe despertou de cá assentar arraiaes.

Não posso saber que logares ella frequentou para ter ensejo de se encontrar com o grande patriota, grande advogado e ainda maior bebedor Alexandre Braga: o que sei é que logo entre os dois se conclavou a expolição de El-Rei D. Manoel em seu beneficio.

E limita-se a sua exigencia a reclamar o preciso para conservar a dignidade da sua triste viuvez, pelo menos até encontrar o seu 5.º marido? Nada, isso seria pouco para uma duqueza, ainda para mais de Oporto (que não sabemos onde é, mas que o grande Alexandre sustenta ser terra de bom vinho); a duqueza reclama, nem mais nem menos, metade da casa de Bragança!!

Havemos de concordar que não é sem razão que os dentistas americanos passam pelos melhores do mundo: é que é preciso conservar os tradicionais bons dentes americanos, e a nossa duqueza, pelo visto, tem-nos até ao estomago.

Mesmo só assim se comprehende a cortezia jacobina junto de sua duvidosa Alteza.

A. C. C.

P. Caldas

Abandonou a direcção do nosso jornal este nosso amigo a quem os seus muitos afazeres escolares impedem de continuar a prestar-nos o seu concurso. Por isso assume a direcção do «Gil Vicente» o nosso correligionario Snr. Domingos Ribeiro.

REPAROS...

E' capaz disso...

O «la ma mère» zangado com o que aqui temos dito, resolveu vingar-se. E a sua vingança, informam-nos que vai ser terrivel.

Sabem os leitores o que ele vai fazer? Não adivinham. Julgam talvez que vai recolher-se á vida privada, e que deixará por isso as suas numerosas occupações? Pensam que vai fazer-se deputado, para assim apresentar no Parlamento uma proposta de lei, concebida nos seguintes termos: todo o jornal que me trator de «la ma mère» será suspenso? Imaginam que ele vai, para nos não metermos mais com a sua pessoa, ganhar mais brio, e não dizer tantas por fóra? Pensam que ele vai deixar a nossa *querida* dissidencia? Julgam que ele não mais prejudicará, para não ser falado, um seu hoje ex-correligionario?

Ah! queridos leitores. O «la ma mère» resolveu uma coisa terrivel. Sabem o quê? Temos medo de o dizer. Mas sempre o dizemos. O «la ma mère» vai pronunciar um discurso em francez. Um discurso em francez... Vamos munir de bilhete...

Um que promete

Já ha muito que não lemos tantos disparates. Um orador, no auge do entusiasmo, dá a Portugal 14 seculos de monarchia!

Com dez seculos. E' fantastico. E' assombroso. Nós vimos isto em letra de fóra, como se diz vulgarmente. E está também no manuscrito.

Começou pois a vida de Portugal em 510, da era de Cristo. E nós todos julgavamos que a independencia nacional datava da conferencia de Samora, em 1143. Mil e quatrocentos anos! O que este orador diz. Quê sabedoria, que conhecimentos, queridos leitores! E publica-se um disparate desta natureza...

E depois a semceremonia com que ele fala do Chefe de Estado! Diz ele «temos o Antonio José de Almeida». Nós, que não pretendemos uma promoção, nem a revolucionario civil, e que somos monarchico e de cada vez mais firme, quando nos dirigimos ao Chefe de Estado tratamo-lo com o respeito que lhe é devido pelo logar que ocupa.

E o portuguez do discurso, é de estarrecer. Promovam no depressa, que é isso o que o homem quer. O que ele disse... E' republicano e isso lhe basta...

bernardino... oh!

Coitada! A «Alvorada» denuncia-nos ao senhor administrador por causa do Bernardino — o das «Notas dum País!»

O carioca, o brasileiro, o homem cheio de officios é hoje um particular. Com ele nada tem a auctoridade. Ele que nos chame aos tribunaes.

A «Alvorada» perdeu o senso. O Bernardino, o engraçado bernardininho!... E' o presidente dum leitaria em Paredes de Coura. Isso lhe chega.

E' verdade

O senhor Lucio de Azevedo, illustre ministro do commercio, disse que o Paz está a suque. Quem governa? Os democraticos. Leitor amigo, tira a conclusão.

O Liceu e os dissidentes

Os adreiros são terriveis. Por isso os dissidentes são quem nós sabemos. Mas serão republicanos a valer?

Não, não são. São republicanos a praso. Alguns são hoje demagogos e já forato pimentistas. São uns enfatuados. Não se conhecem. Ambiciosos ridiculos que nasceram para distribuir se alias de açucar. Os dissidentes? Formam o partido das *competencias*. Hoje dão concos nos monarchicos. Ontem andavam de chapéu na mão a pedir-lhes os votos. Hoje chamam aos padres a «padralhada». Ontem pediam-lhes os votos. Agora bufam. Amanhã ham de parecer cachorros a mendigar protecção eleitoral. Causam nojo. Causam asca.

No orgão dos empregados menores parece não gostarem do Liceu Central. São percos. Qual será melhor: o Liceu Central, ou a Universidade da rua de Santa Maria? Calem-se, dissidentes das senhas de açucar! O Liceu como está faz-nos falta. A Universidade é que é escusada. No Liceu só ha uma coisa a mais: a incompetencia do «la ma mère». O Liceu honra a terra. A Universidade só serve para matar a fome a meia duzia de *ilustres*... Sabem o que é um vagabundo? Um homem sem morada certa.

Mudem de linguagem...

Como é possível que da redacção da «Alvorada» faça parte algum padre, lembramos-lhe á leitura daquele toque em que a sua classe é designada pelo nome de «padralhada».

Os padres que simpatizam com a doutrina de tal gazeta, é que devem ter mais cautela e não consentirem que os seus correligionarios lhes chamem a «padralhada». E' falta de delicadeza, para com eles, tanto mais que eles também assistem aos officios funebres e pode ser que sejam dos tais que comem á tripa-fôrta. Mas como são republicanos, talvez não sejam da «padralhada». São liberais.

O falecido e honrado republicano Antonio Cayres Pinto de

Madureira, enquanto viveu, nunca consentiu que na «Alvorada» se escrevesse assim. Tinha respeito por todos. Mas agora...

Entendamo-nos

No tempo em que na S. M. Sarmiento se deu o facto a que a «Alvorada» alude, ainda o nosso jornal não existia. De contrario te-lo-hia feito. E deve também o órgão dos empregados menores saber que o Ex.^{mo} Senhor Dr. Alfredo Pimenta está muito alto, para a ele poderem chegar os ataques de todos e quaisquer republicanos. E' nosso correliogário e imensa honra temos nisso. E' uma das principais figuras da Causa Nacional. E' um homem de grande valor. E' um politico de quem a Nação muito tem a esperar. Abandonou a república porque viu que ela não correspondia aos seus ideais.

Não lhe toquem. Custa-lhes muito que ele não seja republicano, bem o sabemos. Mas tenham paciência. Todos os espiritos elevados, a abandonam. Ela é muito pequena para arrastar atrás de si os intelectuais, como o senhor Dr. Alfredo Pimenta. A ocloracia só estão agarrados os interesseiros e um pequeno numero de ingenuos. A democracia tem contra si o odio de todos os homens honestos.

E se o nosso jornal existisse nessa altura, não sabe a «Alvorada» que não era ainda da empreza d'agora?

«Grande» proprietário
e illustre «Advogado»

O «Faro de Vigo» dando conta do novo casamento do sr. Marianno diz:—«consorciou-se em Monção Dom M. Felgueiras grande proprietário e illustre advogado».—Caramba, que grande hespanholada!...

«Toques...» na garupa

A' laia de almocreve, n'uma linguagem de caserna, vem o articulista dos «Toques» defender o copo d'agua dado pela officialidade do 20 aos assistentes á festa levada a effeito em comemoração dos mortos da Guerra. Nunca—insistimos novamente—foi tão improprio o copo d'agua como n'aquelle dia. Pelo regimento 20 passaram comandantes que soberam bem cumprir os deveres de cortezia que o seu elevado cargo lhe exigia e, varias festas de regosijo,—mas de authentic regosijo, como foi a vinda d'El-Rei o Senhor Dom Manuel II—alli se deram com numerosa e escolhida concurrencia, sem que o champagne fosse prato obrigatorio, nem a sua falta diminuisse a concurrencia a festas futuras. Foi, enfim, uma p'ra fora o que alliás acontece ás pessoas que não tem senso. A questão dos foguetes essa, então, foi um desastre completo—não tenha duvidas o articulista. A allusão aos jantares dados na aldeia no final dos enterros é que nos parece uma triste defeza, em favor do copo d'agua, da parte do autor dos «toques»...

O que você precisa para depois trabalhar, em alta escola, é de alguns toques... mais na garupa, hipicamente fallando.

Policia

Dizem-nos que a policia está reduzida a nada. E porquê? Porque a edilidade vimaranense que tem praça assente alli no largo da Oliveira, aos pedidos instantes do sr. ex-administrador do concelho para lhes ser augmentado o ordenado, responde com o silencio.

De maneira que toda esta immorsalidade que se vê pelas ruas, toda a chinfrineira que até alta

horas da noite se ouve por ahi fóra, sobressaltando uma população inteira, todas as scenas que diariamente põem uma triste nota n'uma terra que se diz civilizada, tudo isso resulta da *sonneca* prolongada que desde a sua posse tem atacado esta Camara de grotesca figura que para ahi nos administra!

E' uma d'estas vereações que se tem feito notar, só por não fazer nada!

Dir-se-ia que os edis respeitaveis não tem olhos para ver e, ouvidos para escutar.

Vereação de triste figura!

«Descobrir a mascara», Lamamericamente fallando...

Pois é verdade; cá estamos de volta, apesar de o *toquista* vir afirmar, com uma certeza mathematica, que não voltaríamos.

E voltamos para de principio, dizemos ao *toquista* celebrado que muito honrados nos sentimos em defender a monarchia de Monte Pedral: preferimos essa defeza á d'um regimen que deu o que tinha a dar e que tem posto a saque um paiz desacreditado, na phrase dos magnates da democracia Antonio Maria da Silva e Lucio d'Azevedo.

Quanto á resposta ao repto que nos lançou a «Alvorada», temos a dizer-lhe que não estamos aqui por esse motivo, porque não accetamos reptos assim de qualquer *toquista* que appareça, sem educação e sem autoridade.

Nós não accetamos reptos da «Alvorada»; seria descer muito... praticamos antes uma obra de misericordia: ensinar os ignorantes.

Não acha que a nossa intenção é sympathica?

Posto isto, como exordio, perguntamos d'aqui ao *toquista* preclarissimo: sabe porventura o signification de *mascara*?

Não hesite... não gagueje... seja claro...

Não sabe, pois não? Pois nós vamos dizer-l'ho, sem levarmos nada por esta lição.

Mascara é um substantivo de genero feminino, que significa isto, assim, com todas as letras: «artefacto, que representa uma cara ou parte d'ella, e destinado a *cobrir* o rosto para disfarçar a pessoa que o põe». Percebeu?

Com que então não assim? Nem mesmo assim percebe?

Ah! já sei. Esbarra na palavra *artefacto*... Nós explicamos. *Artefacto* é o producto ou a obra resultante d'um trabalho mechnico.

Ainda não me percebeu?

Mas... por Deus! Eu não posso estar aqui a explicar-lhe a signification das palavras que veem em todo o dicionario. Vou passar adiante.

Sabido o signification da palavra *mascara*, não é demais dizermos-lhe que quando se põe uma *mascara* no rosto, é com fim de nos disfarçarmos, e impedir que nos conheçam.

Deve saber também que quem usa *mascara* não traz nada a encobri-la... sim, não é natural, é mesmo uma coisa que não faz sentido.

Dadas estas explicações, nós dir-lhe-mos, *toquista* sublimado, que *descobrir a mascara* é uma tolice crassa.

E já que teve a velleidade de nos aconselhar a consulta aos dicionarios, vamos lá, consultemos os que temos aqui á mão, desde o dicionario do povo em que falla, até a outros de mais importancia e clareza, quer portuguezes, quer estrangeiros.

Abra o dicionario do povo a pag. 274, o encyclopedico luso-brasileiro a pag. 319, o da lingua portugueza de Albano de Souza a pag. 340, o prosodico de João

de Deus a pag. 249, a Grande Encyclopedica Portugueza de Maximiliano de Lemos a pag. 708, o de portuguez-hespanhol de Frederico Duarte Coelho a pag. 408, o de inglez do povo a pag. 335, o de francez-hespanhol de D. Vicente Salvá a pag. 260, o de hespanhol-francez, idem, a pag. 217, o de etymologia franceza de Augusto Scheler, a pag. 125, o etymologico da lingua portugueza de Adolpho Coelho, a pag. 466, o pratico francez portuguez de J. Monteiro, de J. Benohel, e de F. d'Oliveira a pag. 259, o Petit Larousse Illustré a pag. 261, consulte tudo isso, doutissimo *toquista*, e em todos elles, e nos mais que é inutil citar, encontrará como signification da palavra *descobrir* o seguinte, invariavelmente, e com maior ou menor precisão: «Tirar a cobertura a alguma coisa, levantar o veu que occulta alguma pessoa ou coisa».

Já vê, preclarissimo *toquista*, que não é só *tirar*, *levantar*, como afirma muito intencionalmente, e com muito má fé; acrescente-lhe o resto do signification e verá que o que afirmou é muito differente.

Mas como ainda poderá não ficar convencido, e como parece ter grande predilecção de espirito por Moraes e Candido de Figueiredo, que nos cita no seu arrazoado, vamos abri-los com cuidado para que se não estraguem, e no dicionario Moraes a pag. 611, verá o seguinte:

Descobrir:—«tirar o veu, e tudo o que cobria alguma pessoa ou coisa».

No de Candido de Figueiredo, a pag. 531, verá:

Descobrir:—«Levantar ou tirar aquillo que cobria (qualquer coisa)».

Aproveitando-nos das suas palavras, *toquista* dumá casa, «junte-lhe *mascara*» e tem: «tirar o veu, e tudo o que cobria a *mascara*»; e terá segundo Candido de Figueiredo: «levantar ou tirar aquillo que cobria a *mascara*».

Perguntamos nós agora: que diabo de coisa estaria a cobrir a *mascara* que o *toquista* não disse?

Mas eu sei o que o *toquista* *insigne* queria dizer: queria dizer que o «Gil Vicente» descobriu o rosto, a cara, deixando cahir a *mascara*.

Portanto se se deixou cahir a *mascara*, o que ficou á vista? Foi a *mascara* que nunca esteve coberta e que não costuma cobrir-se, ou o rosto que estava encoberto pela *mascara* que se deixou cahir? Eu creio, e comigo toda a gente de senso, e que veja dois dedos á frente do nariz, como é de uso dizer-se, que o que se descobriu foi o rosto, a cara, e não a *mascara*.

Dizer que *descobrir a mascara*, com o signification de deixar o rosto a descoberto, está bem, é o mesmo que dizer que o sol anda ou que o la mã mere é capaz de dizer uma coisa de geito...

Recolha-se á privada... existencia! Se os dicionarios não fallassem! então outro gallo lhe cantaria! Mas elles, os malditos, não tem papas na lingua, e explicam-se tão bem!

E n'estes casos, como em outros analogos, ainda assim os melhores mestres, os melhores auctores, são elles, e só elles.

Claro que quando fallamos em dicionarios nos referimos aos puros: não aquelles editados na cabeça d'um *grande-homem* cá do burgo, que ensinam que uma adaga é um capacete! (pasmae oh gentes!)

Achei! Achei! Achei! Foi o la mã mere que te forneceu o termo, *toquista* *kolossal*!

E para terminar, um conselho também: não coma o resto dos significationes. Com que então *levantar*, *tirar*, assim, sem mais nada?

Tinha habilidade o bréjeiro!

A nossa representação

Representou o nosso jornal na comemoração dos mortos da Guerra, o correspondente de «A Patria». Julgamos ter sido feito o convite á Redacção e não ao ex-director em particular. Porisso o jornal se fez representar. O nosso ex-director se fosse individualmente convidado, iria ou não, mas caso não fosse procuraria dar uma desculpa da falta e ao mesmo tempo agradeceria a amabilidade do convite. Não foi portanto o Sr. Serafim Ribeiro representar o nosso ex-director, mas sim o jornal. E se fosse representar o nosso ex-director que inconveniente haveria nisso? O Sr. Ribeiro é um homem muito honesto e o facto de ser cobrador do nosso jornal em nada apouca as suas qualidades. Se fosse rico, ou mesmo empregado na E. P. S. não era o cobrador do «Gil Vicente». E deve notar-se que o Sr. Ribeiro representou o nosso semanario, porque tendo de ir ao quartel pela «Patria» para o que recebeu convite especial na sua qualidade de correspondente desse diario nesta cidade, se prontificou a representar-nos, tirando-nos assim trabalho escusado.

Foi pois o correspondente desse jornal da capital quem nos representou. Não comprehendemos o sentido que a «Alvorada» quer dar ao facto. Se julga que nós procedemos mal na escolha, engana-se. Para nós todos os homens são bons, desde que sejam honestos. Não olhamos ás profissões mas sim ás acções. Para nós, monarchicos, não ha castas. Os homens valem pelo que fazem. O que nos causa nójo é o procedimento do órgão da democracia, neste caso. Dis-se partidario da igualdade e vem meter-se com o nosso jornal pelo facto de ser representado pelo Sr. Ribeiro, que ás suas occupações, junta a de cobrador do «Gil».

Ora tenham juizo. Todos fossem, como o Sr. correspondente de «A Patria» ouviram, senhores redactores da «Alvorada»?

COMUNICADO

João Serafim da Silva Ribeiro, correspondente do diario da capital «A Patria» vem por este meio perguntar á redacção da «Alvorada» qual o sentido que dá áquelle parte dos «Toques» do seu ultimo numero em que fala da «falta de senso é tanta» e em que evidentemente se lhe refere. Se a «Alvorada» quer com isso dizer que as atenções que para com ele tiveram os senhores officiaes foram imerecidas pelo facto de ser também o cobrador do «Gil Vicente», errado caminho trilha, pois representou este jornal como correspondente de «A Patria» para o que recebeu convite, e mesmo que fosse ao quartel só com a representação do «Gil Vicente» podia ir com a cabeça levantada, outro tanto não podendo fazer alguns que têm o nome no cabeçalho da «Alvorada».

O «Gil Vicente» fez-se representar e a «Alvorada» não.

Não tem portanto o direito de criticar. E por hoje sempre direi á redacção da tal gasetta dissidente que é bem melhor ser cobrador dum jornal, tendo-se uma vida honesta, que empregado noutras coisas ganhando mesmo muito dinheiro. Mas...

A bom entendedor...

20-6-920.

João Serafim da Silva Ribeiro.

OS GAZES DO ESTOMAGO
E INTESTINOS desaparecem
tomando o CARVAO SANITAS.

... Senhor redactor do
«Gil Vicente»

No jornal «Alvorada» e sob o titulo «por bem fazer» vem um arrazoado que pela malcredeza que revela, merece uma ligeira explicação. Não quero saber dos motivos que originaram essa grosseria. Isso é lá com o seu jornal e com o tal a que me quero referir. Na parte em que se falla dos enterros de aldeia e da «padralhada» é que me julgo ofendido bem como os meus colegas, e porisso aí vai a resposta a quem não teve a felicidade de ser educado como devia ser. Da analyse do escrito, depreende-se que se trata de coisas de tropa. Nele se defende um acto praticado por officiaes militares, acto que pelo que se vê, o seu jornal criticou. Ora, como eu julgo que a «Alvorada» não tem procuração para defender esses senhores, concluo ou devia antes concluir que foi algum official militar o autor do escrito. Mas como os tenho na conta de correctos e bem educados, eu deixo de os considerar como auctores do tal termo «padralhada» que em regra só é pronunciado pela *genlinha* da rua. E' portanto da redacção da «Alvorada» que saiu o lindo termo «padralhada». A «padralhada» saiba-o a redacção do dito jornal não come á «tripa fórra» porque não tem rendas para isso. Aquellas que tinha, tirou-lhas a republica. Não come á «tripa fórra», porque os proventos que auferidos seus paroquianos não lhes chegam para extravagancias. Não come á «tripa fórra» nos enterros de aldeia, e quem quizer verificar é dar-se ao incomodo de observar. E como não é á custa da republica que o clero vive, nem em regra os que fazem os enterros das aldeias, que tinha a redacção da «Alvorada» com o facto, caso elle fosse verdadeiro? Um individuo, abstrahindo da parte moral do direito de propriedade, não tem o direito de dispor livremente do que é seu, sem dar satisfações a ninguém? E parecemos que os padres não deviam ser chamados a essa questão, visto nada terem com isso. Os padres poderiam comer á «tripa fórra» nos enterros de aldeia, se todos os que lhe dam de comer fossem... E sabe a redacção da «Alvorada» em que consistem os tais banquetes nessas occasiões? Se soubesse não falava. E também não falava se soubesse que muitos padres vem de leguas de distancia, e que não podem porisso regressar a suas casas sem alguma refeição. Mas os enterros de aldeia vieram para esta questão, para que deles se tirasse um argumento justificativo do acto praticado, nem sei aonde, e com o qual nada tenho. Em meu humilde entender, o caso não tem gravidade. Sem me importar com o facto que o seu jornal criticou, não sei nem quero saber, se com razão ou sem ela, sempre direi que postos em confronto os dois casos, as circunstancias em que eles se dam, separam-nos muito. No caso da aldeia, (e só a este me refiro, pois com o criticado no seu jornal nada tenho) quem come, admitamos, é a «padralhada»; quem lhe dá de comer em regra não são os doridos, mes o paroco da freguesia. Mas sejam os doridos. Tem a «padralhada» que ver com a dôr que os affige? Parece-me que não. Porque, caso contrario, o paroco dumá aldeia, não fazia mais que chorar. E agora para terminar, senhor redactor, sempre direi á redacção da «Alvorada» que os padres vão vivendo sem sobrecarregarem o depauperado tesouro nacional. Outro tanto não podem dizer muitos que vivem á custa deles (porque eles também pagam impostos) e nada de util fazem. Eu prezo-me de ser educado. Que todos o sejam também. Não fo-

ram os officiaes quem empregou o termo «padralhada» porque então eu poderia empregar um outro termo que immortalisou um homem do Porto. Mas não foram os officiaes. Sam creaturas correctas. Nesta presunção fico.

De V...
Um padre.

A bom entendedor...

Sentimos sempre grande magua quando presenciamos certos espectadores engraçados, que por signal não teem graça nenhuma, e exhibem-se na platea do nosso theatro.

Tal proceder, repetimos, contrista-nos deveras por varias razões, sendo a primeira e principal o poder suppôr-se que taes gracejos partem dos filhos de Guimarães.

Um dito, uma piada mettida a tempo, pode ter graça, mas estar constantemente a chapejar na mesma coisa, alem de mostrar pouca ou nenhuma consideração pelas pessoas presentes, aborrece e causa nojo.

Esta é que é a verdade. Mas porque será que só se salientam, salientam é o termo, na nossa platea e não o fazem egualmente nas plateas dos theatros do Porto?...

Porque será? Francamente: taes gracejos ainda podem ser tolerados nos theatros das florestas onde o leão habita, mas nos dos povoados, nunca!

Esta é que é tambem a verdade nua e crua. E depois certos ditos, ditos por pessoas engravatadas, estimadas e que na sociedade teem, como v. ex.^a, boa representação, é dar margem, é auctorisar mesmo a que o galinheiro tambem largue piada ou faça peor ainda.

Será ou não? Pois bem intoleravel já está o tal galinheiro!... Elle até já tem chegado a cabitar cá para baixo!... Concorde, não é verdade? Ora ainda bem!

A mais linda mulher...

Os jornais francezes abriram ha tempos um interessantissimo concurso sobre qual seria a mais linda mulher de toda a França... Escusado será dizer que a concorrência foi enorme... não fossem enormes tambem a vaidade e a ambição humanas!

Disputaram a primazia n'esse extranho concurso duas mil mulheres: mas de todas ellas, o jury de eliminação, composto de escriptores, pintores e esculptores, escolheu só quarenta e nove, como apresentaveis e recommendaveis ao suffragio do povo. E d'entre estas quarenta e nove, o povo escolheu, dando-lhe a votação de 195:166 votos, mademoiselle Agnes Souret, de 17 annos de idade, natural de Bayona.

Tinha os eternos olhos escuros, os cabellos espreguicando-se em somnolencias extranhas pelos ombros nus, a graça immortal das francezas, a viveza do porte, a elegancia do traje.

Estava eleita a Rainha da Belleza de França! Rainha por direito! Rainha apesar de pobre! D'oravante os seus olhares, os seus sorrisos, as suas palavras, serão disputadas com firmeza e com audacia.

Milhares de creaturas, combaterão por um sorriso dos seus, por uma phrase sua, por um gesto, por uma expressão, por uma inutilidade sua...

E de ignorada que fosse talvez hontem, ella passou á tela da discussão e da vulgaridade.

Porque não havemos de fazer o mesmo aqui em Portugal?

Porque não havemos de fazer o mesmo aqui em Guimarães, aqui onde ha raparigas tão bellas, corações tão ternos, olhos tão negros, cabellos tão formosos?

Sim, porque um concurso d'estes não é só uma distracção, não é só um divertimento, não é só um simples motivo de passar duas, três horas em alegre, em espirituoso espectáculo... um concurso d'estes é uma escola! A mulher que se apresenta ao concurso não vae só mostrar a belleza natural das feições, a elegancia do corpo, a pequenez do pé... vae tambem mostrar as linhas correctas dos seus vestuarios, a arte bizarra dos seus trajes...

E todas se apurarão... e todas farão esforços loucos para se apresentarem com mais garbo, com mais aprumo, com mais galantaria!

Um concurso d'estes era, alem de tudo o mais, uma authentica escola de bom gosto!

E como ella seria necessaria! Eu lastimo que a Mocidade d'hoje não olhe, não repare para estas coisas bellas! Eu lamento que a Juventude d'hoje se entregue em demasia a futilidades que de nada servem e para nada valem, e despreze, e abandone, e esqueça coisas de maior valia e de mais evidente importancia.

Partiu para Lisboa, com demora de alguns dias, o nosso intimo amigo, Sr. Luiz Filipe Gonçalves Coelho.

Esteve ha dias entre nós, o Sr. Antonio de Carvalho Cyrne, distincto jornalista e nosso estimado collaborador.

Com sua Ex.^{ma} esposa, regressou da sua Casa de Sepins, o nosso presadissimo amigo, Sr. D. José Ferrão de Tavares e Favara.

Se não der resultados, se não puder ir por deante a nossa vontade, o nosso esforço, o nosso trabalho, que importa? Cumprimos o nosso dever, nada mais.

A mais linda mulher! Porque não havemos de eleger, rapazes de Guimarães, a nossa Rainha, a nossa Rainha de Belleza?

Porque não havemos de ter a vaidade tambem de ao vê-la passar, na magestade suprema da sua Realeza e da sua Graça, dizermos:

Alli vae a Eleita do nosso Espirito, alli vae aquella que leva presos á sua formosura milhares de corações, milhares de bençãos, milhares de louvores?

A mais linda mulher... Não seria bello?

Ruy de Lançastre.

Romaria de S. Torquato

E' nos proximos dias 2 e 3 de Julho, que terá lugar a denominada Romaria grande de S. Torquato, sem duvida a mais imponente romaria do Minho.

Brevemente publicaremos o seu programma.

Ronda da Lapinha

Em virtude de estar prohibida pelo prelado a vinda a esta cidade da tradicional Ronda da Lapinha, essa festa far-se ha, na forma do anno passado, no proximo domingo, na pitoresca montanha da Penha.



Anniversarios

Durante esta semana fazem anos as Ex.^{mas} Snr.^{as}:

- Dia 22—D. Roseira Vilaça Rodrigues da Silva.
- » 23—D. Maria de Lourdes Fernandes Leite d'Almeida.
- » »—D. Josefa Candida de Azevedo Machado.
- » 24—D. Maria da Madre Deus Pereira Mendes.
- » »—D. Izabel Vilaça Rodrigues da Silva.
- » 25—D. Modesta Martins de Sá.
- » 26—D. Maria Adelaide Pinto Dias Castro.
- » »—D. Maria Adelaide Ribeiro do Couto Vilas.
- » »—D. Ana Fernandes.
- » 27—D. Inacia da Costa Freitas Novais.

E os Snrs.:

- Dia 21—Fernando José de Freitas.
- » »—Dr. Luiz Martins Pereira de Menezes.
- » 23—Fernando Afonso Peixoto da Silva Bourbon (Lindoso).
- » 24—Jeronimo Almeida.
- » 25—Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

—Parabens.

Partidas e Chegadas

Afim de continuar os seus estudos, partiu para Coimbra, seguindo d'alli para Lisboa onde vai fazer acto, o nosso querido amigo e ex-director, Sr. P.^o João Luiz Caldas.

Partiu para Lisboa, com demora de alguns dias, o nosso intimo amigo, Sr. Luiz Filipe Gonçalves Coelho.

Esteve ha dias entre nós, o Sr. Antonio de Carvalho Cyrne, distincto jornalista e nosso estimado collaborador.

Com sua Ex.^{ma} esposa, regressou da sua Casa de Sepins, o nosso presadissimo amigo, Sr. D. José Ferrão de Tavares e Favara.



Por Guimarães

S. João

Na proxima quinta-feira, 24 do corrente, haverão festejos ao S. João, no Largo da Republica do Brazil (Campo da Feira), Santa Luzia e no Cano.

As suas comissões trabalham no sentido de lhes imprimir o maior brilhantismo possivel.

Pedido de demissão

Por motivos que a isso o obrigaram pediu a demissão do cargo de Administrador deste Concelho, o Snr. Capitão Luiz Augusto de Pina.

Louvamos a nobre attitude de S. Ex.^a, com a qual mostrou não estar disposto a commetter e legalidades.

Espectáculo

Realisou-se na passada quarta-feira, no theatro D. Afonso Henriques, o espectáculo que um grupo de socios da Juventude Catholica desta cidade promoveu com o fim de extinguir o deficit creado com a festa em homenagem a Nunú Alvares.

Subiram á scena as engraçadissimas comedias «Almas do outro

mundo» e «Quem desdenha...», que por vezes despertou na numerosa assistencia amplas gargalhadas. O desempenho foi correcto, sendo todos os interpretes muito applaudidos.

Agradecemos o bilhete que nos foi enviado.

Visconde de Paço de Nespereira

De visita ás suas importantes propriedades esteve ha dias entre nós o nosso illustre patricio snr. Visconde do Paço de Nespereira, filho primogenito do nosso saudoso e prestigioso chefe politico no distrito snr. Visconde do Paço de Nespereira (João).

Casamento

Consoiciou-se na passada quinta feira, o nosso estimado amigo, Snr. Gualdino Pereira, empregado comercial nesta cidade, com a Ex.^{ma} Snr.^a D. Madgalena da Conceição Barreira, irmã do nosso particular amigo Snr. João Manuel Barreira e sobrinha do Snr. Guilherme Augusto Barreira, benquisto negociante desta praça.

Aos noivos, cujas qualidades é desnecessario enaltecer, e que bem dignos são dum futuro prospero e feliz, enviamos sinceros parabens desejando lhes uma perenne lua de mel.

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital Esc. 350.000\$00

Por ordem do Ex.^{mo} Snr. Presidente convido os Senhores Accionistas d'esta Companhia, para uma Assembleia Geral Extraordinaria, a pedido da Direcção, a realisar-se no seu salão na Avenida Miguel Bombarda, de Guimarães, no dia 8 do proximo mez pelas 12 horas, a fim de tratar-se do augmento do seu capital, e da correlativa alteração dos Estatutos, se o augmento fôr aprovado.

Guimarães, 18 de Junho de 1920.

O 1.^o Secretario da Assembleia Geral

Eurico Lima de Magalhães.

Agradecimento

Antonio Martins Leite, achando-se restabelecido do vil atentado de que foi vitima e seus innocentes filhos, em 9 de fevereiro, mas, ainda comovido por tantas provas de estima dadas por inumeras pessoas que me visitaram no hospital e em minha casa ou por qualquer forma se interessaram pelo meu restabelecimento, e, não podendo pessoalmente agradecer, o faço por este meio. Aos illustrissimos Senhores Drs. Joaquim

José de Meira, Fernando Pereira, Pedro Guimarães, Alfredo Peixoto, Martins Fernandes e Matos Chaves, a minha indelevel gratidão.

Aos meus ex.^{mos} colegas, pela solidariedade que tomaram, a minha melhor estima.

Ao pessoal de enfermagem do Hospital da Misericordia, especializando sua grande e dedicada enfermeira e ex.^{ma} directora, o meu preito de homenagem.

Guimarães, 20 de Junho de 1920.

PROPRIEDADE

Vende-se, a 10 minutos de Guimarães, com estrada à porta e luz electrica, com boa casa de habitação e terras de lavradio.

Fallar com o snr. Domingos Freiria—Proposto—Guimarães.

Acção de divorcio

(1.^a Publicação)

Por sentença de 26 de maio findo foi julgada procedente a acção de divorcio intentada por Bernardina Rosa, contra seu marido João Marques, ambos da freguesia de Fermentões, da comarca de Guimarães, e decretado o divorcio definitivo dos conjuges, com o fundamento nos numeros 2 e 4 do art.^o 4.^o do decreto de 3 de novembro de 1910, o que se faz publico para todos os efeitos legaes.

Guimarães, 14 de Junho de 1920.

Verifiquei.

Sousa Teles.

O escripto do 1.^o officio,

Armando da Costa Noqueira.

Fotografia Moderna

Domingos Alves Machado, proprietario desta acreditada fotografia, participa que tendo adquirido todo o arquivo da extincta Fotografia Carvalho, se acha apto a executar com a maxima perfeição qualquer trabalho que a esta fotografia tivesse pertencido.

Pede, pois, aos Ex.^{mos} freguezes d'aquella antiga casa, o favor d'uma visita.

V. Ex.^a sente-se fraco? Tem falta de appetite? Sente pouca disposição para o trabalho? Pois tome 20 gotas de DYNAMINA a cada refeição e sentir-se-ha completamente curado.

«SANITAS» — T. do Carmo, 1—Lisboa.

"A Gloria Portuguesa,"

COMPANHIA DE SEGUROS

EM TODOS OS RISCOS

Capital 2.500 contos

Representante geral no concelho de Guimarães

José da Costa Rainha

Rua Dr. José Sampaio—GUIMARÃES

CASA QUARTE

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanificios, tecidos d'algodão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, atalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.
VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 31 DE JANEIRO
(antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

COLÉGIO ACADÉMICO

Campo da Misericórdia—GUIMARÃES

Recebe alunos internos, semi internos e externos. Instrução primaria e secundaria, incluindo a 6.^a e 7.^a classes. Mais esclarecimentos sejam pedidos a direcção.

A SEGURADORA

Companhia de Seguros e Reseguros

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Sede no Porto—Rua das Flores, 118

Capital Social: 500.000\$000 réis

Idem realizado: 250.000\$000 »

Efectua seguros contra incendio

- » » » maritimos e guerra
- » » » quebra de cristais
- » » » assaltos, greves e tumultos
- » » » postaes

Representante nesta cidade e concelho:

Avelino da Silva Guimarães

Rua de Camões

JOAO RIBEIRO

TAILLEUR

Executa com a maxima perfeição e elegancia toda a obra de alfaiate para CAVALLEIROS, SENHORAS E CRIANÇAS

Côrte Inglez. Sistema Minister's

Largo Dr. Avelino Germano (S. Paio) n.º 7 e 9

GUIMARÃES

SAGRES

Companhia de Seguros Luso-Brasileira.

Capital 2.000.000\$000

Seguros maritimos, terrestres, incendios, agricolas postaes e contra greves, tumultos e roubos.

Sede: Rua de S. Julião, 19-2.º—LISBOA

Correspondente em Guimarães—Jeronymo Ribeiro da Costa Sampaio.

BANCO DE SEGUROS

Capital 3.000 contos

Rua da Victoria, 73—LISBOA

Efectua seguros contra todos os riscos, incluindo greves, assaltos, accidentes de trabalho e todos os de vida

Medico: Dr. Antonio José Rodrigues Toriz.

Correspondente em Guimarães:

CASA MOUTINHO

Praça D. Afonso Henriques, 78 a 82

TODAS

AS SENHORAS

que tenham PERTURBAÇÕES DAS REGRAS MENSAES, ou que tenham NO VENTRE NA OCASIAO DAS REGRAS, ou a quem FALTE A MESTRUAÇÃO, curam-se tomando a

Amenorrhœina

Pedir instruções que serão remetidas gratuitamente.

AS

Perturbações digestivas das creanças

os vomitos, as diarrhéas, as dores intestinaes e as perturbações resultantes da dentição, curam-se tomando de 3 em 3 horas um comprimido de

Bacilina Lactica

AS

Creanças limphaticas escrophulosas ou rachititas

Curam-se tomando a cada refeição tantas gotas de

Idopeptona Sanitas

quantos forem os anos de idade.

Estes medicamentos acham-se á venda nas boas phartrias e no deposito de Lisboa: Neto, Natividade & C., Rocio, 121, 122. Pedir instruções, que serão remetidas no volta do correio ao LABORATORIO «SANITAS» — T. do Carmo, 1—Lisboa



Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franco

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituinte, de mais reconhecido proveito nas doenças anemias, de constituição fraca, e nas que, em geral, carecem de forças no organismo. E ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas e creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.ª L.ª
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147—LISBOA



Xarope Peitoral James

O mais eficaz e mais reconhecido de todos os xaropes para a cura das doenças do peito, como a bronchite, a tosse, a asma, a pleurisia, a pneumonia, a tuberculose, etc. Este xarope é de facil digestão, e de utilissimo proveito para as creanças, as pessoas idosas, e as convalescentes.



GRAND PRIX LONDRES 1903

Premio do ouro, medalha de ouro, 1.^o premio, 1888. 1.^o premio, 1889. 1.^o premio, 1890. 1.^o premio, 1891. 1.^o premio, 1892. 1.^o premio, 1893. 1.^o premio, 1894. 1.^o premio, 1895. 1.^o premio, 1896. 1.^o premio, 1897. 1.^o premio, 1898. 1.^o premio, 1899. 1.^o premio, 1900. 1.^o premio, 1901. 1.^o premio, 1902. 1.^o premio, 1903. 1.^o premio, 1904. 1.^o premio, 1905. 1.^o premio, 1906. 1.^o premio, 1907. 1.^o premio, 1908. 1.^o premio, 1909. 1.^o premio, 1910. 1.^o premio, 1911. 1.^o premio, 1912. 1.^o premio, 1913. 1.^o premio, 1914. 1.^o premio, 1915. 1.^o premio, 1916. 1.^o premio, 1917. 1.^o premio, 1918. 1.^o premio, 1919. 1.^o premio, 1920.

Pedro Franco & C.ª L.ª
RUA DE BELEM, 147—LISBOA

ARMAZEM DE TECIDOS D'ALGODÃO

— DE —

Alberto Pimenta Machado

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanificios, zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, chales, gravatas, etc. etc.

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS «TRIUNFO»

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES